

**COMPORTAMENTO ALIMENTAR E ESTADO NUTRICIONAL
DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Jamylle Leal da Silva Pinto¹
Maria Regina Mariano¹
Rafaella Maria Monteiro Sampaio²

RESUMO

Objetivo: O objetivo desse estudo é avaliar a relação entre consumo e comportamento alimentar dos acadêmicos de educação física em uma instituição privada de ensino superior no município de Fortaleza-Ceará. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo analítico, quantitativo e transversal, realizado com cem estudantes de educação física. Foi aplicado um questionário de dados pessoais e estilo de vida. Para avaliar o comportamento alimentar foi utilizado o Questionário Holandês do Comportamento Alimentar (QHCA). Foram realizadas avaliações antropométricas utilizando peso e altura. O estado nutricional foi calculado segundo o IMC, de acordo com os padrões de referência da OMS. **Resultados:** Participaram da pesquisa 100 estudantes do curso de educação física de ambos os sexos, sendo 66 (66,0%) do sexo masculino e 34 (34,0%) do sexo feminino. Quanto aos estilos alimentares, considerando o comportamento geral, o comportamento de homens diferiu significativamente ($p=0,02$) das mulheres, quando analisados os dados da amostra total. **Conclusão:** Conclui-se que há diferenças entre homens e mulheres quanto aos aspectos cognitivos e motivacionais envolvidos no comportamento alimentar, com as mulheres apresentando uma maior sensibilidade, no tocante às questões comportamentais.

Palavras-chave: Comportamento alimentar. Estado nutricional. Educação Física

ABSTRACT

Food behavior and nutritional state of physical education students

Objective: The objective of this study is to evaluate the relationship between consumption and eating behavior of physical education students in a private institution of higher education in the city of Fortaleza-Ceará. **Materials and Methods:** This is a descriptive, quantitative, and cross-sectional study conducted with 100 physical education students. A questionnaire on personal data and lifestyle was applied to evaluate food behaviour using the Dutch Food Behavior Questionnaire (QHCA). Anthropometric evaluations were performed using weight and height. The nutritional status was calculated according to the BMI, according to the WHO reference standards. **Results:** Participated in the research 100 students of the physical education course of both sexes, being 66 male (66.0%) and 34 females (34.0%). as regards dietary styles, considering the general behavior, the behavior of men differed significantly ($p=0.02$) from women, when analyzing the data of the total sample. **Conclusion:** The data concluded that there are differences between men and women as to the cognitive and motivational aspects involved in the eating behavior, with women with a higher sensitivity, regarding behavioural issues.

Key words: Feeding behavior. Nutritional status. Physical education.

1-Centro Universitário Estácio do Ceará, Fortaleza-CE, Brasil.

2-Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza-CE, Brasil. Centro Universitário Estácio do Ceará, Fortaleza-CE, Brasil.

E-mails dos autores:
jamylle.leal@hotmail.com
reginamariano01@hotmail.com
rafaellasampaio@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Ao ingressar na faculdade, os universitários adquirem novos relacionamentos, maturidade, maior raciocínio crítico, tendo muitas vezes que conciliar vida acadêmica e trabalho.

Estas mudanças podem influenciar no consumo alimentar, devido ao menor tempo para se alimentarem em consequência das atividades acadêmicas, assim como por se sentirem mais independentes para tomar suas próprias decisões em relação ao que comer, quando, onde e com quem se alimentar.

A rotina estudantil muitas vezes pode influenciar negativamente os hábitos alimentares, uma vez que um maior número de refeições passa a ser realizada fora do seu domicílio, fazendo com que os estudantes fiquem dependentes de estabelecimentos comerciais (Oliveira e colaboradores, 2017).

Estudos mostram que os hábitos alimentares da população mundial e brasileira há um maior consumo de gorduras, açúcares, doces e bebidas, e uma diminuição da ingestão de alimentos saudáveis, como verduras, frutas, legumes e cereais integrais.

Como consequência houve uma inversão na distribuição dos problemas nutricionais da população, com decréscimo da frequência de desnutrição e o aumento da prevalência de sobrepeso, evento que caracterizou a transição nutricional, como também da ocorrência de outras doenças crônicas (Monteiro, Aerts, Zart, 2010; Soder e colaboradores, 2012).

Nesse sentido, o excesso de peso cresceu 26,3% em dez anos, passando de 42,6% em 2006, para 53,8% em 2016.

Em Fortaleza 56,5% da população adulta encontra-se com excesso de peso (Ministério da Saúde, 2017).

Grande parte dos estudantes de educação física que costumam incorporar o consumo de suplementos proteicos, vitamínicos e creatina na sua alimentação possuem certo grau de conhecimento sobre estes produtos quanto à sua capacidade de melhorar o desempenho físico.

Entretanto, frequentemente não obtiveram orientação de um nutricionista quanto à sua correta utilização (Santos e colaboradores, 2017).

A adoção de hábitos alimentares saudáveis, como dietas ricas em vegetais, frutas e cereais estão relacionados a uma menor incidência de doenças crônicas não

transmissíveis (DCNT), como diabetes, hipertensão arterial, obesidade, entre outras (Maciel e colaboradores, 2012).

Neste sentido, os hábitos alimentares dos universitários podem ser influenciados pelo seu ingresso na vida acadêmica, uma vez que adquirem novos relacionamentos, mais concentração, muitas vezes, tendo que conciliar vida acadêmica e trabalho.

Essas alterações na rotina podem influenciar negativamente o consumo alimentar, pois tendem a dedicar menos tempo aos hábitos alimentares saudáveis (Moraes e colaboradores, 2018).

Diante da relevância da temática, conhecer o perfil dos estudantes torna-se um importante elemento para intervenções direcionadas a este grupo, contribuindo para a construção de um estilo de vida e hábitos alimentares saudáveis.

Desta forma, o presente trabalho teve como objetivo avaliar o comportamento alimentar e estado nutricional dos estudantes de educação física em uma instituição privada de ensino superior no município de Fortaleza-Ceará.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo analítico, quantitativo e transversal realizado no período de março a abril de 2019, com estudantes de educação física em uma instituição de ensino superior privada na cidade de Fortaleza-Ceará.

Foram incluídos no estudo os estudantes de graduação do curso de educação física com idade acima de 18 anos, devidamente matriculados na instituição e que tinham condições psicológicas de responder ao formulário de pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram excluídos da pesquisa as gestantes e nutrízes, bem como aqueles que possuíam alguma deficiência física e/ou mental.

Para a coleta de dados foi elaborado pelas pesquisadoras um questionário de dados pessoais (sexo, idade, renda familiar, turno da faculdade e dados antropométricos), estilo de vida (prática de atividade física, importância dos hábitos alimentares).

Para avaliar o comportamento alimentar foi utilizado o Questionário Holandês do Comportamento Alimentar

(QHCA), validado e traduzido para o português (Viana e Sinde, 2003).

O instrumento é composto por 33 itens, avaliados em uma escala do tipo Likert de 5 pontos (nunca, raramente, às vezes, frequentemente e muito frequentemente), distribuídos por três subescalas: restrição alimentar, ingestão externa e ingestão emocional (Leitão e colaboradores, 2015).

Foram realizadas avaliações antropométricas utilizando peso e altura. O peso corporal foi aferido em balança digital eletrônica com capacidade de 150 kg e sensibilidade de 100 gramas.

A estatura foi aferida por uma fita métrica afixada na parede sem rodapé, estando os alunos descalços, encostando a cabeça, dorso, glúteos e calcanhares na superfície da parede, junto à fita métrica.

Os braços estavam estendidos ao longo do corpo, os calcanhares unidos e as plantas dos pés apoiadas totalmente no chão. O esquadro foi encostado no ponto mais alto da cabeça formando um ângulo de 90 graus com a fita métrica.

O estado nutricional foi calculado segundo o Índice de Massa Corporal (IMC), de acordo com os padrões de referência da Organização Mundial de Saúde (OMS, 1997): Baixo Peso ($< 18,5 \text{ kg/m}^2$); Peso Normal ($18,5 \text{ kg/m}^2 \leq \text{IMC} < 25 \text{ kg/m}^2$); Sobrepeso ($25 \text{ kg/m}^2 \leq \text{IMC} < 30 \text{ kg/m}^2$); Obesidade grau I ($30 \text{ kg/m}^2 \leq \text{IMC} \leq 34,9 \text{ kg/m}^2$); obesidade grau II ($35 \text{ kg/m}^2 \leq \text{IMC} \leq 39,9 \text{ kg/m}^2$) e obesidade grau III ($\text{IMC} \geq 40 \text{ kg/m}^2$).

Os dados obtidos foram digitados no programa Excel e posteriormente exportados para o programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 20.0 para processamento dos dados. Inicialmente foi realizada a análise descritiva das variáveis em estudo: demográficas, socioeconômicas, antropométricas e comportamento alimentar. As variáveis numéricas foram descritas em médias ou medianas e medidas de dispersão, e as categóricas, em frequências simples e percentuais.

No QHCA, um resultado elevado em uma das subescalas implica em uma tendência a reagir aos alimentos (atitude/comportamento) que se traduz no estilo alimentar. Assim, para análise do QHCA, considerou-se os escores parciais de cada domínio e o escore total, os quais foram apresentados em médias e desvio-padrão. Para análise do QHCA foi obtida a pontuação de cada subescala.

Quanto maior for a pontuação obtida em cada uma das escalas, mais expressivo é esse padrão ou estilo alimentar (Leitão e colaboradores, 2015).

Assim, classificou-se cada domínio em “Baixo Comportamento Alimentar”, aqueles com escores abaixo ou igual a média, e em “Alto Comportamento Alimentar” aqueles com escores acima da média. Para o valor total do questionário, considerou-se os valores abaixo da média para demonstrar a maior capacidade de controle alimentar (Van e colaboradores, 1986).

Aplicou-se o Teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar a normalidade das variáveis numéricas e o Teste t student para verificar a significância estatística das médias das subescalas dos grupos.

Além disso, foi aplicado o Teste do qui-quadrado para verificar associação entre as variáveis categóricas com o sexo. Para o resultado ser considerado significativo, foi adotado como nível de significância os valores de $p < 0,05$.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo comitê de ética do Centro Universitário Estácio do Ceará (Parecer nº 2.249.963 CAAE 67829017.7.0000.5038), via Plataforma Brasil, estando de acordo as normas propostas pela resolução de número 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando a integridade e dignidade dos participantes da pesquisa.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 100 estudantes do curso de educação física de ambos os sexos, destes 66 (66,0%) do sexo masculino e 34 (34,0%) do sexo feminino, com idade entre 18 e 44 anos, onde 40,0% encontram-se na faixa de renda entre 1 a 2 salários-mínimos, 64,0% dos entrevistados estudam no turno da noite.

Referente aos hábitos alimentares saudáveis 73,0% dos estudantes consideram-se bem informados e 86% praticam atividade física regularmente.

Conforme a tabela 2, quanto aos estilos alimentares, considerando o comportamento geral, o comportamento de homens diferiu significativamente das mulheres ($p=0,02$).

Observa-se também que essa diferença significativa de gênero se manteve na ingestão emocional ($p=0,01$).

Quanto a idade mostrou-se diferenças significativas na restrição alimentar ($p=0,01$) e na ingestão externa ($p=0,01$).

O IMC (sem excesso) em relação ao IMC (com excesso) houve diferenças significativas quando analisados os dados na ingestão restritiva com $p=0,04$.

Tabela 1 - Classificação da avaliação antropométrica em estudantes de educação física de acordo com as variáveis sociodemográficas, atividade física, hábitos alimentares e estilos de ingestão alimentar, Fortaleza, Ceará, 2019.

	Total		Sem Excesso		Com Excesso		p
	n	%	n	%	n	%	
Sexo							
Masculino	66	66,0	20	30,3	46	69,7	0,002
Feminino	34	34,0	21	61,8	13	38,2	
Idade							
≤ 25 anos	50	50,0	22	44,0	28	56,0	0,542
> 25 anos	50	50,0	19	38,0	31	62,0	
Renda							
≤ 1 salário mínimo	16	16,0	10	62,5	6	37,5	0,289
1 a 2 salários mínimo	40	40,0	14	35,0	26	65,0	
2 a 3 salários mínimo	26	26,0	10	38,5	16	61,5	
≥ 3 salários mínimo	18	18,0	7	38,9	11	61,1	
Turno							
Manhã	16	16,0	9	56,2	7	43,8	0,280
Tarde	20	20,0	6	30,0	14	70,0	
Noite	64	64,0	26	40,6	38	59,4	
Atividade Física							
Sim	86	86,0	37	43,0	49	57,0	0,308
Não	14	14,0	4	28,6	10	71,4	
Hábitos Alimentares							
Sim	73	73,0	29	39,7	44	60,3	0,670
Mais ou menos	27	27,0	12	44,4	15	55,6	
Restrição Alimentar							
Alto Comportamento	45	45,0	14	31,1	31	68,9	0,069
Baixo Comportamento	55	55,0	27	49,1	28	50,9	
Ingestão Emocional							
Alto Comportamento	44	44,0	19	43,2	25	56,8	0,694
Baixo Comportamento	56	56,0	22	39,3	34	60,7	
Ingestão Externa							
Alto Comportamento	48	48,0	22	45,8	26	54,2	0,345
Baixo Comportamento	52	52,0	19	36,5	33	63,5	

Tabela 2 - Valores de média e desvio padrão das características descritivas de estudantes do curso de educação física, Fortaleza, Ceará, 2019.

	Restrição		Emocional		Externa		Comport. Geral	
	Média ± DP	p	Média ± DP	p	Média ± DP	p	Média ± DP	p
Sexo								
Masculino	26,2 ± 7,6	0,90	24,0 ± 8,2	0,01	29,0 ± 5,8	0,15	79,1 ± 13,5	0,02
Feminino	26,4 ± 8,3		30,0 ± 13,1		31,0 ± 7,8		87,2 ± 21,4	
Idade								
Até 25 anos	24,0 ± 7,6	0,01	27,0 ± 9,5	0,35	31,2 ± 6,4	0,01	82,3 ± 15,8	0,80
>25 anos	28,4 ± 7,5		25,0 ± 11,2		28,0 ± 6,4		81,4 ± 18,2	
Atividade Física								
Sim	26,6 ± 8,1	0,30	26,0 ± 10,4	0,91	29,3 ± 6,3	0,30	81,9 ± 17,7	0,99
Não	24,2 ± 6,1		26,3 ± 11,0		31,3 ± 7,8		81,8 ± 12,2	
IMC								
Sem excesso	24,3 ± 8,4	0,04	27,7 ± 11,8	0,18	30,0 ± 6,4	0,68	82,0 ± 20,5	0,95
Com excesso	27,5 ± 7,1		24,8 ± 9,3		29,4 ± 6,7		81,8 ± 14,2	

DISCUSSÃO

Avaliar o estado nutricional é primordial para procedimentos de diagnóstico, permitindo a identificação de grupos de riscos, sendo fundamental para a identificação dos fatores causais e estudo das associações entre a condição nutricional e a morbimortalidade (Ramos e colaboradores, 2014).

Neste sentido, Estevam e Guimarães (2016) avaliando funcionários, encontrou uma média de IMC de $28 \pm 5,37$ kg/m², próxima a média obtida pela população estudada no presente trabalho, com maior prevalência para o sexo masculino, visto que os homens têm um consumo calórico muito alto.

O IMC elevado apresenta-se como fator de risco para o desenvolvimento de doenças crônicas, com risco aproximadamente três vezes maior do que em indivíduos eutróficos (Freitas, Porto e Cruz, 2015), sobretudo o IMC não distingue se o excesso de peso é proveniente de gordura ou de massa muscular (Bosi e colaboradores, 2008).

Observou-se que os homens querem ter um corpo mais forte e volumoso e com baixo percentual de gordura, já as mulheres, o tipo físico ideal é um corpo mais magro e menos volumoso (Souza, Ceni, 2014).

O comportamento alimentar é um dos aspectos do estilo de vida que tem maior influência na saúde e na doença (Viana e Sinde, 2003).

Foi demonstrado que os episódios de compulsão alimentar têm início precoce, geralmente na infância e adolescência, e que o comportamento de fazer dietas inicia-se após o aparecimento dos ataques de comer, associado à maior preocupação com a forma corporal e história de vários tratamentos anteriores para controle de peso (Vitolo, Bortolini e Horta, 2006).

Entre os trabalhadores que apresentaram compulsão predominaram as mulheres (aproximadamente 61,3% dos casos), considera-se a mulher mais vulnerável ao ideal cultural da magreza, o que é considerado um dos fatores predisponentes a esses transtornos (Prisco e colaboradores, 2013).

No presente estudo os estudantes consideram-se bem informados e praticam atividade física regularmente.

Mielke e colaboradores (2010), destaca que a tendência para a diferença na atividade física de homens e mulheres está

relacionada às razões para prática de atividades desenvolvidas por ambos.

Geralmente homens apresentam maior prevalência de atividade física, pois estes procuram práticas esportivas e atividades em grupos (futebol, voleibol e basquetebol) enquanto mulheres procuram atividades de caráter individual (natação, caminhada, ciclismo).

O estudo de Silva (2011), relatou que os acadêmicos de educação física com uma alimentação inadequada apresentaram cinco vezes mais chances de serem pouco ativos que aqueles que possuem uma alimentação adequada.

Quanto à idade mostraram-se diferenças significativas na restrição alimentar ($p=0,01$) e na ingestão externa ($p=0,01$).

Em um estudo de Malta e colaboradores (2013), as prevalências de excesso de peso e DCNT tenderam a aumentar com a faixa etária da população, por outro lado, hábitos alimentares como consumo de carne com excesso de gordura e consumo de refrigerantes tenderam a diminuir com o avanço da idade.

Como sugere Brownell e Rodin (1994), os estímulos externos parecem influenciar o comportamento alimentar do homem moderno que, associado aos estados emocionais exerceriam pressão para aumento de incidência dos transtornos alimentares em geral, e particularmente no sobrepeso e obesidade.

O desejo de aprovação social, a autocrítica e a crítica social reforçam a atitude restritiva, mas a influência dos fatores emocionais associada aos estímulos externos contribui para a perda do controle e para o comportamento compulsivo (Magalhães, 2011).

Vale destacar que a tendência restritiva esteve presente com maior intensidade entre os estudantes com excesso de peso.

As variáveis de idade, turno de estudo, ocupação, nível socioeconômico e nível de atividade física não mostraram associação estatística ($p > 0,05$) com o Índice de Massa Corporal (IMC).

Apontando para elevados índices de atividade física e de alta classe econômica, esta homogeneidade dos dados explica em parte o fato destas variáveis não serem associadas com o IMC. No entanto, os dados do presente estudo corroboram com os

registros de que o IMC é independente da classe econômica.

Em estudo realizado com estudantes de educação física do sexo feminino na Nova Zelândia, O'Brien e Hunter (2013), encontraram, maior prevalência de transtornos alimentares e auto-estima reduzida, quando comparadas com estudantes de outros cursos, expressas pela insatisfação com sua atratividade sexual, com sua condição física e com seu peso.

Ao se caracterizar o comportamento alimentar e o estado nutricional de estudantes de educação física de um Centro Universitário foi observado que na avaliação do comportamento alimentar pelo QHCA (Van e colaboradores, 1986), apontou que as mulheres possuem maior tendência para restrição alimentar do que os homens, mostrando relação com menores valores de IMC, quando comparado aos mesmos valores dos homens.

CONCLUSÃO

Os dados do presente estudo permitem concluir que há diferenças entre homens e mulheres quanto aos aspectos cognitivos e motivacionais envolvidos no comportamento alimentar, com as mulheres apresentando uma maior sensibilidade, no tocante às questões comportamentais.

Além disso, os dados também permitem concluir que as escalas utilizadas constituem ferramentas úteis em estudos do comportamento alimentar tanto na esfera clínica quanto na esfera epidemiológica.

Os valores elevados de excesso de peso demonstrados no presente estudo, podem não refletir a realidade desta população, pelo fato dos entrevistados praticarem musculação, o que favorece um aumento da quantidade de massa muscular, fazendo com que estes tenham um peso corporal mais elevado, mas não significa que apresentem sobrepeso.

Em virtude disso, pode ser necessário um conjunto de silhuetas construído especificamente para avaliar a imagem corporal que considere o aspecto muscularidade.

REFERÊNCIAS

1-Bosi, M.L.M.; Luiz, R.R.; Uchimura, K.Y.; Oliveira, F.P.D. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de

educação física. J bras psiquiatr. Vol. 57. Num. 1. 2008. p. 28-33.

2-Brownell, L.K.D.; Rodin, J. The dieting maelstrom. Is it possible and advisable to lose weight? American psychologist. Vol. 48. Num. 9. 1994. p. 781-791.

3-Estevam, E.; Guimarães, M. Caracterização do perfil nutricional e dos aspectos ergonômicos relacionados ao trabalho de colaboradores de uma unidade de alimentação e nutrição. Revista científica da faminas. Vol. 9. Num. 2. 2016.

4-Freitas, C.; Porto, J.; Cruz, I. Avaliação nutricional dos trabalhadores da construção civil de uma obra em Montes Claros-MG. Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde. Vol. 1. Num. 2. 2015. p. 35-38.

5-Leitão, M.; Pimenta, F.; Herédia, T.; Leal, I. Comportamento alimentar, compulsão alimentar, história de peso e estilo de vida: diferenças entre pessoas com obesidade e com uma perda de peso bem-sucedida. Alimentos e Nutrição Araraquara. Vol. 24. Num. 4. 2015. p. 393-401.

6-Maciel, E.D.S.; Sonati, J.G.; Modeneze, D.M.; Vasconcelos, J.S.; Vilarta, R. Consumo alimentar, estado nutricional e nível de atividade física em comunidade universitária brasileira. Rev. Nutr. Vol. 25. Num. 6. 2012. p. 707-718.

7-Magalhães, P. Comportamento alimentar, estado nutricional e imagem corporal de estudantes de Nutrição: aspectos psicossociais e percurso pedagógico. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Farmacêuticas. 2011.

8-Malta, D.C.; Iser, B.P.M.; Claro, R.M.; Moura, L.D.; Bernal, R.T.I.; Nascimento, A.D.F.; Monteiro, C.A. Prevalência de fatores de risco e proteção para doenças crônicas não transmissíveis em adultos: estudo transversal, Brasil, 2011. Epidemiologia e Serviços de Saúde. Vol.22. Num. 3. 2013. p. 423-434.

9-Mielke, G.I.; Ramis, T.R.; Habeyche, E.C.; Oliz, M.M.; Tessmer, M.G.S.; Azevedo, M.R.; Hallal, P.C. Atividade física e fatores associados em universitários do primeiro ano da Universidade Federal de Pelotas. Revista

Brasileira de Atividade Física & Saúde. Vol. 15. Num. 1. 2010. p. 57-64.

10-Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. *Vigilância Brasil 2016: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília. Ministério da Saúde. 2017.

11-Monteiro, L.N.; Aerts, D.; Zart, V.B. Estado nutricional de estudantes de escolas públicas e fatores associados em um distrito de saúde do Município de Gravataí, Rio Grande do Sul. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Vol.19. Num. 3. 2010. p. 271-281.

12-Morais, D.V.; Gomes, O.W.; Brito, R.F.C.; Mendes, A.L.R.F.; Santos, Q.A.; Angélica, A.; Silva, F.R. Caracterização do consumo alimentar de praticantes de exercício físico esporádico. *Motricidade*. Vol. 14. Num. 1. 2018.

13-O'Brien, K.S.; Hunter, J.A. Body esteem and eating behaviours in female physical education students. *Eat Weight Disord. Brazilian Journal of Nutrition*. Vol. 25. Num. 6. 2013. p. 707-718.

14-Oliveira, J.S.; Santos, D.O.; Rodrigues, S.J.M.; Oliveira, C.C.; Souza, A.L.C. Avaliação do perfil sociodemográfico, nutricional e alimentar de estudantes de nutrição de uma universidade pública em Lagarto-SE. *Revista da Associação Brasileira de Nutrição*. Vol. 8. Num. 2. 2017. p. 37-42.

15-Prisco, A.P.K.; Araújo, T.M.D.; Almeida, M.M.G.D.; Santos, K.O.B. Prevalência de transtornos alimentares em trabalhadores urbanos de município do Nordeste do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 18. 2013. p. 1109-1118.

16-Ramos, L.; Pereira, M.L.C.; Mota, M.A.; Jacob, T.; Nakaoka, V.Y.; Kashibawakara, V. A transição da desnutrição para a obesidade. *Braz J Surg Clin Res*. Vol. 5. Num. 1. 2014.

17-Santos, M.F.; Lustosa, R.P.; Andrade, J.H.C.; Santos, A.T.; Andrade, R.D.A.; Uchoa, F.N.M. Prevalência e perfil quanto ao uso de recursos ergogênicos entre acadêmicos de Licenciatura em Educação Física. *Cinergis*. Vol. 18. Num. 2. 2017. p. 121-124.

18-Silva, D.A.S. Nível de atividade física e fatores associados em acadêmicos de educação física de uma universidade pública do nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*. Vol. 16. Num. 3. 2011. p. 193-198.

19-Soder, B.F.; Swanke, N.L.; Borges, T.S.; Todendi, P.F.; Moraes, G.G.; Burgos, M.S. Hábitos alimentares: um estudo com adolescentes entre 10 e 15 anos de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental, em Santa Cruz do Sul. *Cinergis*. Vol. 13. Num. 1. 2012.

20-Souza, R.; Ceni, G.C. Uso de suplementos alimentares e autopercepção corporal de praticantes de musculação em academias de Palmeira das Missões-RS. *Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*. São Paulo. Vol. 8. Num. 43. 2014.

21-Van, S.T.; Frijters, J.; Bergers, G.; Defares, P. The Dutch Eating Behavior Questionnaire (DEBQ) for assessment of restrained, emotional, and external eating behaviour. *International Journal of Eating Disorders*. Vol. 5. Num. 2. 1986. p. 295-315.

22-Viana, V.; Sinde, S. Estilo alimentar: Adaptação e validação do questionário holandês do comportamento alimentar. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*. Vol. 8. Num. 1-2. 2003. p. 59-71.

23-Vitolo, M.R.; Bortolini, G.A.; Horta, R.L. Prevalência de compulsão alimentar entre universitárias de diferentes áreas de estudo. *Rev Psiquiatria Rio Grande Sul*. Vol. 28. Num. 1. 2006. p. 20-6.

Recebido para publicação em 27/07/2019
Aceito em 08/05/2020